MEMÓRIAS

OMENTOS

CAIXA DE

HISTÓRIAS

MEMÓRIAS DE BIANCA ALVES, CAROLINA COKADO, ÍCARO FELIPE, MARIANA BARROS, MARCELO FERREIRA, MIKAELLE VIANNA E RYAN DA SILVA

SUMÁRIO

Portas mágicas (Mariana Barros)
Herman (Carolina Cokado)
Meus primeiros momentos de leitura de mundo e da palavra (Icaro Domenico)
Fudêncio (Marcelo Ferreira)
Copo d'água (Ryan da Silva)
Dedo de moça (Mikaelle Vianna)

Memórias .....

Portas mágicas

Eu ainda lembro da arquitetura improvisada da casa onde passei longos sábados durante a infância. O quintal, que hoje é grande, era ocupado por duas casas pequenas para acomodar os filhos que necessitavam. Havia uma porta na cozinha da casa principal, ela era quase como uma passagem mágica, ao passar por elas entrávamos em mais três quartos, o segundo tinha uma porta que o ligava até a sala e o terceiro tinha uma janela com vista pro Pinheiro plantado próximo a rede, ao balanço e a escada.

Nesses sábados, geralmente ensolarados, - Não tenho memórias de dias chuvosos nessa época. - mais ou menos 10 netos se juntavam, desesperados para brincar e ali nesses três cômodos construíam-se universos, e todos eles tinham em comum o cheiro, café e perfume amadeirado. Sempre que visito uma memória específica de um desses universos, acabo me teletransportando... Éramos todos ninjas, nossas roupas eram diferentes e coloridas. Vivíamos em um lugar cheio de árvores verdes e um campo vasto, nossos fiéis companheiros eram animais com duas cabeças ou mais e nossa casa nunca foi a mesma. As batalhas eram travadas com espadas, arco e flecha e poderes de kung-fu. Em uma das jornadas, viajamos para um vilarejo distante e lutamos contra vilões super poderosos.
Durante os dias de batalha alguns saíram feridos mas com a esperança de que conseguiriam proteger o povo da vila, após explosões, pulos de penhascos - Um sofá antigo com uma capa laranja, recordo-me perfeitamente. - e muita agitação, nós, os ninjas, sempre saímos vitoriosos...

A aventura sempre foi encerrada com refrigerante e salgadinho, nos trazendo de volta para o mundo real. Hoje, sentada na cozinha da minha avó vendo os "ninjas" conversando sobre viagens, trabalhos e relacionamentos, sinto um forte saudosismo, mas além disso, sinto que os dias mágicos da infância nos fizeram muito bem.

Memórias de Mariana Barros

Herman

Herman, me perguntaram
se permaneces no tempo.
Se tua tromba cor de rosa
e sua gravata preta da cor do teu olhar
ficarão aguardando no baú da memória
prontos para tomar um pouco de luz solar.

Ainda ontem te vi.
Olhar quase esbugalhado.
Saia do baú por uma escada
como um sonho embriagado.

Debaixo dos teus dois braços, trazia lembranças ofuscadas. Aquelas nuvens sob o sol formavam enredos sob a lente cor de rosa que você colocou no meu olhar.

Aquelas lembranças de Herman
e Herman me perguntando
se memória é coisa que não volta.

Herman, que desconsolo.
Não sabes onde existe
a aurora de tua presença.

No tempo e na memória,
se é que existes,
só ficará peregrino.

Memórias de Carolina Cokado

Meus primeiros momentos de leitura de mundo e da palavra

"Meus primeiros momentos de leitura de mundo e da palavra" Eu, o sábio e o menino que tombou para o lado, como uma árvore que tomba para o chão.

Paulo Freire, por percepção minha, é poeta, não no sentido de fazer poesia, mas de pensar e sentir. Sentir poesia é a expansão que o verso dá quando a esperança é tamanha numa realidade onde o incerto nos aguarda, é poetar o mundo num mar de sensibilidade de uma abundância que preenche o ser, para que no fim cíclico, chegue nessa expansão íntima do indivíduo, poesia é no final, tudo aquilo que nos faz recorrer aos signos numa busca incessante por expressão do que inunda o peito de um calor marítimo, onde linguagens cumprem o papel de comunicação e simbolismo, ideias passadas por canções líricas de desenhos poéticos que suavemente faz eu, leitor, sentir seus significados de aromas naturais, como grama molhada num dia de sol. Iniciar o texto de modo poético tem conexões com minha afetação acerca do primeiro livro que li "O Pequeno Príncipe", que chegou em minhas mãos pela pessoa mais sábia do mundo, na minha visão, meu pai.

Com representações de minha realidade nas brincadeiras com meus irmãos, como brincarmos de sermos mães que trabalhavam e limpavam a casa, na favela, com filhos indo à escola e com contas para pagar (o famoso brinquedo de Vygotsky), minha infância foi passando e meu pai era aquele sentado na cadeira, com um copo de café e um livro, sempre um livro, os olhos castanhos acompanhando as linhas, enquanto eu-criança apenas observava sem muito entender. Não saberei dizer com exatidão o momento, apenas pedi um dos objetos que parecia cativá-lo tanto e assim, ele o fez. Receber meu primeiro livro não foi apenas minha iniciação no mundo literário, mas além disso, representava estar mais próximo daquele que sempre foi um guia e protetor para mim.

Entre jibóias abertas e fechadas e uma longa viagem introspectiva, enquanto limpava os vulcões, mesmos os que não estavam mais ativos, porque nunca se sabe, percebi que aquele menino que só queria um carneiro, parecia tão eu, tão Ícaro, uma incógnita aos outros, peculiar para terceiros, mas tão criança decidida do que quer. Foi com a raposa e o menino dos cabelos dourados como trigo que descobri o primeiro poder dos livros: a fuga da realidade. Não era fácil viver constantemente em um lugar violento e menosprezado, onde o cinza pairava com uma facilidade tremenda ou lidar com colegas de classe que iluminavam seus rostos com sorrisos nascidos de minhas lágrimas.

Quando iniciei a jornada pelo bosque, ou melhor, por um deserto e alguns asteróides, percebi a interrogação nascida em meu rosto com tantos simbolismos que o livro carregava, para meu eu-criança, era normal não compreender com exatidão o que sentia, pois não nascemos sabendo reconhecer nossas emoções, no entanto, o Pequeno Príncipe que só queria um carneiro e tinha necessidade de um amigo, me fez sentir algo novo, que hoje identifico como poesia. Sempre é bom lembrar que embora a poesia seja sentimento casa, muitas vezes a origem de seu nascimento vem da solidão do ser, nas noites estreladas onde questionamentos são emaranhados nos fios de cabelo e tudo que fazemos é olhar o teto do nosso quarto.

Assim como o Pequeno Príncipe, eu amava assistir o pôr do sol, não tinha o privilégio de empurrar minha cadeira alguns centímetros para trás e assistir o sol se pôr mais uma vez, entretanto, esperá-lo, ansiosamente, durante o dia, melhorava meu humor, pois quando estamos tristes gostamos de assistir o pôr do sol e uma vez, eu relembrei o pôr do sol 44 vezes. Eu não era triste, pelo menos, não sabia nomear claramente o que se arrastava a noite para se aconchegar em meu peito, mas acompanhar a história do menino que só queria voltar para sua rosa, foi o primeiro estalo de auto-conhecimento que tive e aos 10 anos eu entendi que, sim, eu já era triste. Preciso confessar algo, eu menti, O Pequeno Príncipe não foi o primeiro livro que li, espero que entenda, mas o aviador e o menino que conseguia ver um carneiro dentro de uma caixa desenhada, foram os primeiros a me fazer sentir algo ao ler, algo diferente e algo grande.

Pegar o gosto da leitura depois foi muito mais fácil, larguei as HQs, os livros infantis. Não me leve a mal, não tinha nada pessoal contra eles, mas eu tinha anseio com a fruição, com afetações que criassem caminhos cheios de incógnitas sobre mim, sobre quem eu era ou quem eu achava que era, então, busquei tudo isso nos clássicos: Mario Quintana se tornou meu pai da poesia, Edgar Allan Poe meu pai do terror, Machado de Assis meu pai da prosa e Oscar Wilde, minha inspiração completa, me levando a ler John Boyne para conhecer mais da literatura irlandesa. E mais tantos e tantos nomes que criaram epifanias em meu peito, desde escritores mais antigos de romance, a poetas, a quadrinistas e escritores de livros infantis e até os que me faziam revirar o estômago pelo tema. Percebi aí que a leitura era muito mais que entretenimento para mim, um bom livro, era o que me fazia questionar tudo ao meu redor e a mim mesmo.

Dessa forma, a leitura foi se enroscando e criando raízes em meu coração, iniciando um relacionamento de muitas jornadas e amadurecimento, mudanças de percepções e um novo ícaro. A cada dia a paixão aumentava e a quantidade de livros que eu lia também, eram quatro livros por semana que não tinham muita relação entre si, pois nunca fiquei limitado a um gênero somente e com estudos sobre literatura e escrita criativa muito antes de entrar na faculdade, já tinha voltado às HQs e livros infantis tendo compreendido que eles também tinham seu valor e podiam causar fruição tanto quanto um livro de Machado de Assis.

Nessa caminhada de 9 anos, me tornei quem menos esperava: a pessoa sentada na cadeira, com um copo de café e um livro, sempre um livro. Ávido leitor como sou, não demorei para iniciar meus próprios escritos e montar listas com os livros que lia numa procura de numerá-los, cheguei a ler 105 livros em um ano. Não era nada muito difícil, havia uma biblioteca perto de casa, dessa forma, era fácil ir lá nos sábados e pegar mais e mais livros. Hoje não crio mais listas, não leio mais 105 livros em um ano e não tenho o sábio dos olhos castanhos, no entanto, quando olho para as estrelas, ouço as rir para mim, então, eu rio de volta, pois tenho estrelas que riem e podem me achar maluco, mas só eu sei o sentimento casa que me trazem.

Memórias de Ícaro

Você falando disso, me dá saudades dos meus irmãos. Nois 3 junto ja era toda minha diversão. Muito louco, é aquilo, independente de quem seja, a companhia transforma a situação, eu sei é clichê, quem viveu sabe e quem nao sabe ainda sei que vai viver. É tipo aquela canção infantil, era uma casa muito engraçada não tinha teto e não tinha nada, ninguém podia dizer que nois não era feliz, pois nois tinha um ao outro e acho que muitas vezes é o pouco que nos ensina a ser muito. Ta ligado? Com avanço da idade, já sabe, momentos dos 3 mosqueteiros ficavam mais raros, mas quando nois juntava, esquece, como que minha mae aguentava? um dia minha mae quase foi de comes e bebes, meu irmão assistia muito "fudencio e seus amigos" aquele programa da antiga mtv, meu irmao, influência pra mim e pra minha irmã, era fudencio seus amigos e seus irmãos .

Meu irmão, a criatividade em pessoa, deu na cabeça que faria um "fudêncio", pegavámos minhas roupas antigas, papeis usados e amassados construíam o enchimento do seu corpo, a costura segurava pescoço, também tronco e pernas, pronto, o fudêncio agora vive.

Você lembra da criatividade em pessoa? Pois então, minha mãe tava na sala, arrumando umas coisas, os 3 la em cima, brincavam com o fudêncio que ia fuder a cabeça da minha mãe logo em seguida. Eis que meu irmão: Vamos jogar ele da escada? Ja era, a ideia foi plantada e nem demorou pra ser aceita. nem pensamos, VAMO! Num arremesso coletivo, Fudencio rolou escada a baixo, minha mae grita: MARCELO! MEU DEUS! Era só pra assustar com o boneco, minha mãe por um momento não viu fudêncio, viu eu .

Memórias de Marcelo

Copo d'água

Há uns 12 anos atrás, em um certo dia ensolarado das minhas férias, decidimos buscar um lugar para nos divertirmos, o trecho escolhido foi um lugar distante da região metropolitana do nordeste, a famosa barragem de salinas em São Francisco do Piauí. Tudo parecia perfeito, adereços coloridos, uma boia gigantesca e uma grande reserva de água de coco e churrasco, a viagem foi longa, e logo que chegamos, eu a minha irmã corremos diante das águas, elas pareciam tão dóceis e passíveis dos nossos movimentos, me recordo da voz da minha mãe se distanciando e exigindo que tivéssemos cuidado, mas o anseio por aquele copo de água transbordando em terreno fundo nos atraiu intrinsecamente.

A voz da minha mãe se aproximou novamente, solicitando que retornássemos para passarmos o protetor solar, mal sabia que no dia nós precisaríamos de algo que nos protegesse das correntes furiosas dentro daquele copo d'água.

Rapidamente passamos o protetor no corpo e voltamos para as água, tudo estava muito bom, até que me deparo com mãos acenando, no primeiro momento parecia uma brincadeira, fixo naquela cena e percebo os cabelos da minha irmã quase que flutuando sobre água, amovendo sobre aquela profundidade, mesmo sendo menor, não utilizei da racionalidade e no impulso agarrei nos braços da minha irmã , mas estava tão forte, que as correntezas me puxava junto, sem apoio acabei me distanciando do real, via cores que iam se amalgamando do azul cintilante ao royal, percebia algumas camadas verdes, me recordo dos meus pés batendo naquelas correntes furiosas, fui me perdendo de mim mesmo e me encontrei quando boias foram lançadas.

Memórias de Ryan

Dedo de moça

Sempre que questionada sobre sua deficiência, Vó Maria inventava umas besteiras, a velha sempre dizia coisas como: "eu tirei e usei para fazer aquele dedo de moça que vocês amam", "desobedeci a minha mãe e ela arrancou fora", "cortei para colocar na sopa de vocês", ou, "tirei e guardei pra lavar", a cada questionamento, uma nova lorota. O assunto perdurou por anos, rendendo boas risadas, e vindo a ser uma grande piada interna, entre ela, seus filhos e seus netos.

Após anos de muitas súplicas ela reuniu alguns netos e contou a verdade sobre o acidente que lhe custou um dedo.

— Era verão de 1961, minha mãe, eu e meus seis irmãos morávamos em Itabuna, lá na Bahia. — Os netos chocados com o começo da história, pediram a Maria que fizesse uma pausa e foram calcular quantos anos a avó tinha quando se acidentou. — Pega uma calculadora aí Bruno! — gritou Gabrielli. Para a surpresa das crianças, a avó só tinha cinco anos de idade, mesma idade de Victória, o grude da vovó, que estava sentada ao lado de Felipe aguardando o resto da história.

— Minha mãe, se chamava Laurinda, e ela trabalhava muito para criar os filhos, já que meu pai tinha ido embora sem dar nenhum aviso. — Disse ela com pesar na voz. — Não pensem vocês que só porque eu era uma criança, eu não tinha responsabilidades. — disse a velha na intenção de jogar indiretas aos netos.

— Todos os dias, seu tio-avô Paulo e eu íamos a uma mata próxima da nossa casa e recolhíamos lenha para usar no fogão, nós pegávamos bastante, pois precisávamos para comer e esquentar a água do banho.
— Maria, vamos lá na mata buscar lenha pra Celeste fazer o almoço — disse Paulo. — Então fomos, nós dois, eu segurando o saco, e Paulo segurando o machadinho, ele era o mais velho, só ele podia mexer com o machado. Nós estávamos sempre atentos, naquela hora, fazendo aquilo, não podíamos nem sonhar com descuidos. — Completou Maria, com a voz mais dramática de todas. — Eu segurava o pedaço de tora, e seu tio-avô cortava, mas naquele dia Paulo estava distraído, e, em questão de segundos... Ai!
Eu gritei quando vi meu dedo nas serragens de madeira, você cortou dedão! A dor era tanta, que eu desmaiei logo em seguida. — Ai meu Deus! — Gritou Paulo, que, ao ver o dedo e todo aquele sangue chorou, e gritou desesperadamente. Ele correu para casa comigo no colo, sua tia-avó Celeste ajudou a rapidamente enrolar um lençol que cobriu minha mão.

Seu Tio Guina, que é meu irmão mais velho, me pegou nos braços e foi correndo para a beira da estrada, para pegar carona até o hospital, a pressa era tanta que nos esquecemos de pegar os documentos, e, principalmente, nos esquecemos de voltar ao bosque para recolher o cotoco de dedo que tinha ficado para trás. — Aí vó, não acredito que deixaram seu dedo lá. — Exclamaram Keké e Mika, chocadas. Os netos de Maria nunca haviam ficado calados por tanto tempo ouvindo a avó falar, mas Richard estava com os olhos arregalados e os ouvidos atentos para ouvir o final. — Me deixem terminar. — Pediu a avó.— Por um milagre, Tio Guina, Tio Paulo e eu conseguimos chegar ao hospital e sermos atendidos. minha mãe chegou aterrorizada, procurando por nós no hospital, — Santa Maria Mãe de Deus!!! O que aconteceu com a mão dessa menina??? — gritou Dona Laurinda, que logo em seguida foi acalmada pela médica que cuidou de Maria.

— Olha dona, nós fizemos o que estava ao nosso alcance para cuidar de sua filhinha, infelizmente não conseguimos recuperar a outra parte do dedo, então ela vai ter que viver com essa parte da mão sem o polegar. — explicou a médica. — Obrigada dotôra, a sinhora salvou a mão de Maria, isso é o suficiente. — Após receber os remédios e as orientações da médica, Laurinda levou os filhos para casa. — Estão satisfeitos de ouvir a verdadeira história? — Perguntou a avó. — Olha, eu prefiro a história que você inventou vovó, aquela que você diz que tirou o dedo para lavar. — Zombou Mateus, caindo na gargalhada com Luiz Henrique. — Ah! Cale a boca menino véi besta — disse a avó mostrando o dedo para ele, mas não era o dedo cortado, arrancando gargalhadas de todas as crianças.

Memórias de Mikaelle

ME

mó

memó**RIAS**